

Relações Caracas-Moscú: implicações da presença russa no mar do Caribe

Relations Caracas-Moscow: implications of the Russian presence in the Caribbean Sea

PABLO P. SAMPEDRO ROMERO*

Meridiano 47 n. 99, out. 2008 [p. 32 a 34]

O padrão de relações entre a Federação Russa e o Ocidente alterou-se sensivelmente desde o final da Guerra Fria, em um contexto de crescente interdependência energética, aumento mundial dos preços de *commodities* e recuperação política e econômica da Rússia. Uma maior assertividade das iniciativas da política externa russa foi percebida no âmbito regional, especialmente nas áreas que correspondiam a tradicionais zonas de influência da União Soviética, como o Cáucaso, a Europa oriental e os países bálticos.

Essa tendência foi evidenciada em uma série de eventos – como nos casos da crise política ucraniana, das ameaças de interrupção de fornecimento de gás aos países bálticos e do leste europeu, da deterioração generalizada das relações com a Geórgia, bem como da discordância quanto à emancipação de Kôsovo – e representam uma mensagem explícita por parte da Rússia de que o país tem plenas condições de projeção de poder no âmbito regional e de que estaria disposta a manter ou recuperar suas zonas de influência tradicional – muitas das quais perdidas para o avanço de outros atores como a UE – impedindo que essas regiões se configurem como espaços para a coexistência de visões estratégicas concorrentes.

Paralelamente, observou-se outra linha de ação da política externa russa, no que se refere a uma maior aproximação com a Venezuela. Se analisado de um ponto de vista mais amplo, o processo de aproximação entre os dois países revela uma tendência iniciada desde 2004, com a realização da primeira reunião

de alto nível entre Venezuela e Rússia e com uma série de eventos subsequentes que envolveram, em especial, a venda de armas e a assinatura de acordos de cooperação técnica e militar.

O incremento das relações entre os dois países pode ser compreendido como uma iniciativa do governo venezuelano, à medida que os ganhos políticos obtidos com a aproximação seriam mais evidentes para Caracas que para Moscou. Entre 2004 e 2006, as vendas de armas russas para a Venezuela foram crescentes – representadas principalmente por aviões de caça, helicópteros e 100.000 fuzis de assalto AK 47 – fenômeno que foi criticado por Washington, que via na militarização da Venezuela um fator de desestabilização regional. Do ponto de vista venezuelano, o aumento da cooperação com a Rússia pode ser compreendido como parte de uma iniciativa mais ampla de expansão de parcerias estratégicas, realizada com o objetivo de contrapor-se politicamente à potência hegemônica.

As incompatibilidades retóricas e as visões estratégicas concorrentes que separam Washington de Caracas foram instrumentalizadas por Chávez em diversas iniciativas de aproximação com Irã e Síria. Entre junho e agosto de 2008, Chávez visitou Teerã e Damasco, oferecendo apoio político incondicional ao projeto nuclear iraniano e assinando uma declaração conjunta com o governo Assad, em que reiterava seu compromisso contra as “agressões imperialistas” dos EUA. O projeto de diversificação de parcerias foi, ainda, confirmado pela aproximação com Beijing, o que

* Membro do Programa de Educação Tutorial em Relações Internacionais da Universidade de Brasília – PET-REL e do Laboratório de Análise de Relações Internacionais – LARI (pablopsrel@yahoo.com.br).

representaria, ao menos, uma grande oportunidade de ganhos econômicos, levando-se em conta que a China é um atraente mercado consumidor de petróleo. A parceria com o Irã, mesmo que não represente uma oportunidade de ganhos econômicos, possui importância estratégica evidente, dada a expertise nuclear adquirida pelo país nos últimos anos.

A despeito dos ganhos políticos e econômicos mais imediatos, é importante notar que o projeto de diversificação de parcerias empreendido pela Venezuela tem um caráter anti-hegemônico, dado o status internacional dos parceiros envolvidos, de suas relações mais distanciadas com os EUA e de um interesse comum – presente no discurso – em contrapor-se às “intenções hegemônicas do império norte-americano”.

Dois eventos funcionaram como fatos detonadores que permitiram a convergência de dois processos de contestação hegemônica, até então interpretados como autônomos: (1) a aproximação da Venezuela e Rússia em matéria de cooperação militar, que se inscreve em uma tendência de diversificação de parcerias estratégicas operada por Caracas, e (2) as crescentes demonstrações de projeção de poder russas no âmbito regional, impondo limites à expansão do Ocidente em suas zonas tradicionais de influência.

O primeiro evento corresponde à reativação da IV Frota naval dos EUA, em julho de 2008, responsável por operações militares no Atlântico Sul. Segundo o governo americano, o objetivo da reativação seria o combate ao narcotráfico e a realização de exercícios militares conjuntos, sem a pretensão de aumentar a presença naval americana no Caribe e América Latina. A decisão causou, contudo, incômodo em algumas lideranças latino-americanas, notadamente na Venezuela.

O segundo evento insere-se no difícil contexto político do conflito georgiano, quando, sob a égide da OTAN, dois navios da VI Frota americana aportaram em Batumi e Poti, no Mar Negro, para supostamente prestar ajuda humanitária. O Kremlin acusou os EUA de estarem rearmando o governo de Tblissi por meio deste tipo de expedição e Putin afirmou que “haveria, definitivamente, uma resposta” ao ocorrido.

Como já afirmado, os dois eventos funcionaram como elementos catalisadores para um incremento mais acentuado das relações entre Venezuela e Rússia, sobretudo no âmbito da cooperação militar. No final de setembro Chávez firmou em Moscou diversos acordos políticos e financeiros, após um amplo processo de revisão da cooperação bilateral em matéria industrial, tecnológica e militar. Pouco antes, ainda no início do mês, Chávez afirmara que caso a aviação estratégica russa tivesse necessidade de aterrissar em território venezuelano, poderia fazê-lo, o que, de fato, ocorreu, quando dois bombardeiros russos aterrissaram no país para realizar exercícios de patrulha em águas internacionais.

Outro acontecimento que marca um passo importante na evolução das relações entre os dois países foi o anúncio reiterado dos dois governos de que realizariam exercícios navais militares conjuntos no Mar do Caribe, ainda em novembro. Esses exercícios consistiriam, segundo o governo russo, em manobras conjuntas com a marinha venezuelana de busca e salvamentos, bem como testes de telecomunicações. Os navios já teriam deixado o porto de Severomorsk e estariam a caminho do litoral da Venezuela.

Se do ponto de vista técnico os exercícios militares têm pouca importância, do ponto de vista político, histórico e simbólico eles assumem significado considerável. É importante notar que, desde o final da Guerra Fria e do desmantelamento do sistema de cooperação que existia entre Cuba e a URSS, a presença militar russa na América Latina foi nula. Embora os testes militares planejados para novembro representem o ponto máximo da presença estratégica russa na região, até o presente, outras iniciativas de aproximação são previstas em relação a países como Cuba, Nicarágua e Bolívia. Nesse sentido, os dois eventos detonadores teriam conferido à Rússia a possibilidade de instrumentalizar a presença político-estratégica incipiente na América Latina – canalizada por meio da cooperação militar com a Venezuela – para dar mais amplitude a seu projeto de contestação hegemônica, operado inicialmente em nível regional e, agora, em nível transcontinental.

Mais do que uma intenção real de projeção de capacidades militares na América Latina – já que em termos materiais a capacidade real de projeção de poder da Rússia é bastante limitada- a aproximação russo-venezuelana tem um caráter simbólico muito importante. Os exercícios militares representam ao mesmo tempo uma resposta imediata à presença naval americana no mar Negro – e à intromissão do Ocidente em zonas tradicionais de influência russa – e uma mensagem explícita de que a federação tem condições de projeção de poder em escala extra-regional. Do ponto de vista simbólico, a presença militar russa em uma zona de influência tradicional dos EUA seria, assim, uma mensagem de que a Rússia não deve ser vista nem tratada como mera potência regional.

A definição de cenários requer uma compreensão mais profunda a respeito dos elementos que conferem substancialidade à parceria Caracas-Moscou. Se por um lado observa-se a presença de interesses econômicos na cooperação entre os dois países, por outro se nota a prevalência da dimensão política. O elemento de contestação anti-hegemônica e o caráter fortuito parecem ser os aspectos mais centrais da aproximação entre os dois países, que não chega a adquirir maior consistência ideológica, como nos tempos da Guerra Fria.

De fato, não há indícios de que as iniciativas russas engendrem uma reação imediata por parte dos Estados Unidos. Em termos gerais, a presença do

Ocidente na região de influência russa é mais forte que a capacidade russa de projetar poder em zonas tradicionais de influência dos EUA. A mensagem russa, contudo, tem sido bem transmitida ao longo dos últimos anos, por meio da assertividade acentuada da sua política externa. É provável que as empreitadas russas na América Latina sejam uma demonstração definitiva para o Ocidente de que a Rússia deve ser enxergada como uma grande potência, com capacidade de projeção de poder em escala extra-regional que deve ser devidamente incluída na arena política internacional.

Recebido em 14/10/2008
Aprovado em 19/10/2008

Palavras chaves: Estados Unidos, Rússia, Venezuela
Key words: United States, Russia, Venezuela

Resumo: o artigo trata da política externa da Rússia, país afastado da América do Sul desde o fim da Guerra Fria. Nesse sentido, aborda o relacionamento entre Moscou e Caracas.

Abstract: the article deals with Russia's foreign policy, a country not present in South America since the end of the Cold War. As for that, it discusses the relationship between Moscow and Caracas.

